

JAVIER
MORO

 **MEU
PECADO** 

A atriz espanhola que triunfou em
Hollywood e mudou o destino da
Espanha na Segunda Guerra Mundial

Tradução

Adriana Marcolini

Tereza Souza

 Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Madrid, 1940-1943

Sentada na banquetta de veludo diante da penteadeira de seu quarto, Conchita Montenegro se aproximou do espelho. Com suas unhas brilhantes cortadas em forma de amêndoa, arrancou uma a uma as finas tiras de esparadrapo que prendiam um palito colocado entre as sobrancelhas, perpendicular ao nariz. Era um truque de Juana para lutar contra a ruga vertical da testa, que já despontava. Juana era a mais nova de suas irmãs e tinha umas ideias bem excêntricas. Mas na guerra contra os estragos da idade valia de tudo, não se podia desprezar nenhuma arma, nem sequer um palito de dente. Assim que o rosto ficou mais relaxado, examinou-o. Aquela ruguinha carrancuda continuava ali, embora amortecida. No mais, sua cútis era uma paisagem perfeita. Quantas gentilezas lhe havia trazido essa tez de madrepérola... quase tantas como as dirigidas a seu olhar voluptuoso ou ao timbre “cristalino” de sua voz. Se bem que só ela, à força de esquadrinhar o rosto poro a poro, à espreita de qualquer alteração, por mínima que fosse, era capaz de detectar as deformações mais sutis. Na altura do olho direito distinguiu o sulco de um incipiente pé de galinha. *Que presentinho de aniversário...*, pensou.

Acabava de completar trinta e dois; poucos anos para Concepción Andrés Picado, seu nome de batismo; muitos para uma estrela de cinema conhecida mundialmente como Conchita Montenegro. Pressentia que a natureza continuaria a lhe proporcionar presentinhos cada vez mais difíceis de dissimular: princípio de olheiras, uma ou outra papada, um ápice de flacidez... Tudo isso estava logo ali na esquina, e ela sabia. Essa mulher que havia sido a primeira espanhola a triunfar em Hollywood, amiga de Chaplin e de Garbo, de Douglas Fairbanks e Norma Shearer, sentia-se jovem e velha ao mesmo tempo. Sua coleção de bonecas e bichos de pelúcia – as prateleiras de sua casa estavam repletas – era uma maneira de se aferrar ao passado, de prolongá-lo.

Conchita intuía que chegava o momento de mudar de vida. Abriu um tubinho de creme Helena Rubinstein e aplicou uma ínfima camada no canto das pálpebras. Era melhor usar com moderação, pois havia conseguido esse tesouro dos Estados Unidos graças às conexões diplomáticas de seu noivo, Ricardo Giménez-Arnau, que morria de amores por ela. Com essa guerra interminável que inflamava o mundo era difícil saber quando poderia conseguir

outra bisnaga. Em seguida terminou com um *fond de teint* René Coty comprado no mercado negro. Nas lojas de Madrid, não havia nada além de Tokalón para a pele; eram uns pozinhos preparados “por meio de um colorímetro mágico que duplica a beleza natural da cútis”, segundo os anúncios, mas que não passavam de talco com creme.

— Vicenta, como está o tempo na rua?

— Está frio e tormentoso, senhora.

— Pegue a estola de chinchila para mim.

— Sim, senhora.

A chinchila ficava bem em Conchita; achava que o vison era para mulheres mais velhas, próximo ao vulgar. Acabou de se maquiar com parcimônia, realçando as maçãs do rosto com uma pitada de ruge. Seus olhos eram castanhos, embora parecessem pretos por causa dos cílios longos. Eram totalmente fora do comum. Pôs pouca sombra nos olhos para não ofuscar seu “olhar profundo”, como o descreveu um conhecido crítico de cinema. Um olhar direto, ao mesmo tempo puro e atrevido, que atingia diretamente o coração. Conchita achava que as espanholas abusavam da sombra nos olhos e, em geral, maquiavam-se demais. Lembrava-se dos conselhos de López, um compatriota com fama de ser o melhor maquiador de Hollywood, um mestre na hora de rejuvenescer ou envelhecer as estrelas: “Com você menos é mais”, dizia-lhe. Quantas horas passaram juntos entre enquadramentos e planos, entre risadas e piadinhas picantes! Como sentia saudades dele! Era difícil admitir isso, agora que estava comprometida com Ricardo, mas sentia saudades da vida em Los Angeles, daquela sensação de liberdade, tão viciante e agora tão distante. Lá fazia coisas que seriam inimagináveis em Madrid, como dirigir seu próprio carro até o aeroporto de Santa Monica para as aulas de pilotagem. Que banho de liberdade era voar naquele aviãozinho sobre o litoral da Califórnia! Como sentia saudades da vista da cidade de Los Angeles, à noite e lá do alto, era como ver um estojo iluminado de joias...; o ar cálido da Califórnia e o conforto daqueles chalés de madeira! Como esse mundo parecia distante da Madrid do pós-guerra, desse continente forjado a ferro e fogo. É verdade, sentia mesmo falta de assistir às estreias de seus filmes ao volante de seu Studebaker conversível e de conviver com os grandes, com Judy Garland ou Gary Cooper. Aqui se relacionava com algumas das trezentas e trinta e seis personalidades da Espanha e outros tantos figurões do regime, mas não era a mesma coisa.

Também sentia saudades de algo tão simples como entrar numa loja bem abastecida. Em Madrid era impossível encontrar um bom par de sapatos, por exemplo, ou os eletrodomésticos com os quais estava acostumada nos Estados Unidos. Da janela do seu quarto, que dava para a rua Juan Bravo, podia ver, na padaria em frente, a fila de mendigos que se formava aos domingos na hora do fechamento, à espera de que o dono distribuísse os produtos não vendidos.

Toda vez que soava a campainha, seu coração dava um pulso pensando que talvez o carteiro lhe trouxesse um telegrama de Hollywood, oferecendo um novo projeto. Mas não, a realidade era mais prosaica: a campainha anunciava a chegada da cabeleireira ou da costureira, que vinham todos os dias, ou de uma garota da Falange¹ com boina vermelha pedindo cinco pesetas para os retornados da Divisão Azul. Ou pessoas mal-ajambradas que diziam ter conhecido sua mãe ou suas irmãs e pediam ajuda para tirar um familiar da prisão, ou suplicavam a influência de seu noivo para livrar um parente da pena de morte. Outros vinham pedir trabalho, qualquer que fosse e pelo que fosse. Ela tentava ajudar. Nem sempre era possível.

Mas nunca chegava o telegrama sonhado que a fizesse regressar ao paraíso perdido. Tinha de admitir: Hollywood havia fechado as portas para Conchita Montenegro. Agora fazia cinema na Europa e, desde o começo da guerra mundial, rodava três ou quatro filmes por ano na Espanha. Trabalho não lhe faltava. Seu melhor filme, que fez seu nome aparecer antes do título, um privilégio reservado às grandes divas do cinema, fora rodado na Itália. Foi nessa época que deu início a sua história de amor com Ricardo. Na Espanha, alguns de seus últimos trabalhos tinham *naufragado*, como se diz no cinema, mas ela pensava em descontar no próximo, uma superprodução espanhola chamada *Ídolos*, sob o comando de Florián Rey. Embora nem o fracasso nem o sucesso na Espanha tivessem o mesmo sabor que em Hollywood.

— Vicenta, diga a Pepín para estar pronto à uma e meia.

— Sim, senhora.

Pepín era seu motorista. Um antigo jornalista que havia entrevistado sua irmã Juanita em uma filmagem antes da guerra para a revista *Cinegramas*. Quando as

1. Partido fascista espanhol. A Falange foi fundada em 1933 por José Antonio Primo de Rivera. A partir de 1937, foi ampliado pelo ditador Francisco Franco e se tornou a “Falange Espanhola Tradicionalista”, o único partido permitido na Espanha franquista. (N.T.)

tropas de Franco entraram em Madrid, o homem se escondeu, estava aterrorizado, temendo ser pego e fuzilado, até que conseguiu se comunicar com Conchita e lhe pedir ajuda. Como precisava de um motorista, porque na Espanha não ficava bem uma mulher dirigir sozinha – e Ricardo enfatizou isso –, ela o contratou. Apesar de se encontrar sob sua proteção, Pepín vivia com o medo grudado nos ossos. Via com suspeita o vigilante das redondezas e não confiava no porteiro do prédio, um edifício majestoso na rua Juan Bravo, esquina com a General Mola.

Conchita escolheu um vestido de cor avermelhada do estilista Julio Laffitte, que, apesar do nome, era um sevilhano cuja carreira triunfal em Paris fora interrompida pela invasão alemã e agora se dedicava a desenhar trajes de cinema em Madrid. Depois, colocou meias arrastão com costura. Sabia que quando a viam ao natural, as pessoas se surpreendiam por ser bastante baixa, por isso procurava dissimular usando saltos altos. Escolheu sapatos envernizados combinando com o vestido. Voltou à penteadeira, tomada por uma floresta de frascos que denunciavam sua fraqueza por perfumes. Em sua maioria, eram redondos, pretos, com o anagrama dourado da casa Lanvin e uma tampa de rosca redonda com um laço de seda na base. Esses estavam todos vazios, ou quase, mas ela não os jogava fora, apesar das súplicas de Vicenta, que se perguntava a troco de que a patroa acumulava tanto frasquinho. Em algumas noites de insônia, Conchita abria um que ainda contivesse um rastro de perfume. Como um ritual privado e secreto, cheirava aquela fragrância aveludada de jasmim, rosas e lírios, provocativa e sensual, que a transportava a suas lembranças de Hollywood com uma intensidade que somente os aromas podem propiciar. Usava os outros conforme seu estado de espírito: quanto mais alegre, mais exuberante a essência. Nesse dia, como se sentia com a alma leve, escolheu um com água de cravo e bergamota, que aspergiu generosamente sobre os braços, ombros e pescoço. Cobriu-se com um casaco de lã cinza e pôs um chapéu de aba larga, meio caído de lado, também avermelhado. Finalizou com a estola.

— Não acha que estou muito séria? — perguntou a Vicenta.

— A senhora não está séria, está elegante.

Vicenta tinha seus critérios. Mas Conchita abriu uma gaveta na mesa da penteadeira e escolheu um broche de pedras semipreciosas que prendeu na lapela do casaco, dando vida a toda a roupa. Depois ficou na dúvida sobre os brincos; finalmente optou pelos de pérola e pôs um colar de duas voltas. Deu uma última olhada no espelho. Achou que estava bonita.

Acomodou-se no assento de um Buick que tinha trazido dos Estados Unidos e que funcionava com gasogênio, um equipamento que o movia graças à combustão de lenha e carvão. Era tamanha a escassez de gasolina que até Franco se viu obrigado a comparecer ao desfile da Vitória em um carro conversível

propulsionado por gasogênio. Diziam que a culpa era dos americanos, que haviam cortado as exportações de petróleo para a Espanha a fim de obrigar o governo de Franco a interromper a exportação de tungstênio – um metal crucial para a indústria armamentista – para os alemães.

— Para onde levo a senhora?

— Já disse para não me chamar de senhora, Pepín.

O motorista meneou com a cabeça.

— É que parece... como eu deveria dizer... muito familiar chamar a senhora pelo nome.

— Soa como “vermelho”, não é?

— Isso mesmo — disse Pepín, assentindo com a cabeça —, e também é perigoso.

Conchita riu. Tinha um riso aberto, espontâneo, como uma menina.

— Então vamos fazer uma coisa... Você me chama de Conchita quando estivermos a sós e de senhora quando houver gente. Que tal?

— De acordo, senhora... Perdão, Conchita.

Voltou a rir.

— Vamos ao restaurante Edelweiss, atrás do Parlamento.

Conchita tirou um maço de Philip Morris da bolsa. Usava uma piteira muito comprida, que a distanciava das pessoas e aumentava ainda mais sua aura de estrela. As más línguas diziam que tinha copiado isso da Garbo. Acendeu o cigarro e deu uma tragada profunda. Estava animada porque esperava encontrar-se com antigos colegas de profissão. Tinha sido convidada por Hugo Donarelli, que queria festejar seu aniversário com os mais ilustres do mundinho do cinema. Ninguém rejeitava um convite de Hugo, o barítono italiano que havia montado o estúdio de dublagem Fono España e estava nadando em ouro desde que obteve, graças a sua astúcia e talento comercial, a exclusividade para dublar todos os filmes da Fox.

3

O Buick desceu pela rua Juan Bravo e na altura da Lagasca passou por um buraco; as cinzas caíram e quase queimaram o casaco de Conchita. No cruzamento com a Serrano, enquanto um guarda de capacete branco dava

passagem para alguns pedestres, ela levou um susto porque uma mulher de preto, com um bebê agarrado ao peito, encostou na janela, levando as mãos à boca para pedir esmola. Na outra janela, crianças com cabeças raspadas e ranho ressecado também pediam. Finalmente o carro partiu.

Nesse horário em que as pessoas se reúnem para um drinque antes do jantar, jovens com o cabelo reluzente de brilhantina acompanhados das Mariás, Carmens ou Dolores, para quem tudo era “bárbaro, sensacional, formidável ou incrível”, apesar dos tempos que corriam, desfrutavam de um vermute nos terraços dos cafés da Serrano, uma rua de paquera que os madrilinhos comuns chamavam de “tontódromo”.

O carro cruzou a Porta de Alcalá, onde alguns aleijados sentados em fila se aqueciam ao sol, e seguiu margeando o Retiro. Quantas recordações esse parque lhe trazia. Sob os frondosos ramos de suas árvores tinha brincado de bambolê com as irmãs, tinha “lançado” os barquinhos, tinha patinado em frente ao café-restaurant da Casa de Vacas e remado na lagoa grande. Agora dava pena vê-lo, vítima dos estragos da guerra. Diante da necessidade de lenha para se aquecer e cozinhar, as pessoas pulavam a cerca à noite e continuavam derrubando as árvores.

Quando chegaram ao restaurante, um porteiro de libré abriu a porta traseira e ajudou Conchita a sair do automóvel. Na parte de dentro, com paredes forradas de madeira até a altura do cabideiro, onde estavam pendurados quadros e fotos, sua atenção foi atraída para um indivíduo com monóculo e um bracelete com a cruz gamada, sentado a uma mesa, falando com outro homem que estava de pé e que, ao se virar, reconheceu Conchita e foi cumprimentá-la. Era o diretor do jornal *ABC*, que também fora convidado.

— Vou apresentá-la ao senhor Lazar.

— Esta senhorita não precisa de apresentação — respondeu o alemão, que se levantou e cumprimentou a atriz com modos encantadores. Hans Lazar era o assessor de imprensa do Reich e diretor da Abwehr, a agência de inteligência nazista, que contava com mil funcionários em Madrid. Subornava os jornalistas espanhóis para mantê-los bem controlados, como era o caso do diretor do *ABC*. Antes que pudessem começar a conversar, a voz de Justa, a irmã mais velha de Conchita, interrompeu-os:

— É por aqui! — disse-lhes, apontando o caminho até a área reservada. E sussurrou para Conchita: —Você podia ter chegado antes! Estamos te esperando há um tempão.

Disse isso apertando os dentes e os punhos. Justa era assim, sempre tensa. Criticava ou protestava sempre, desde pequena. Se tivesse macarrão na sopa, era porque tinha; se não tivesse, era porque não tinha. As irmãs não se pareciam em nada, exceto na paixão pelos automóveis. Com seu jeito seco, rosto

largo, nariz um tanto pontudo e o eterno casaco preto, Justa compensava a falta de graça com um caráter forte. Era ela quem planejava o dia a dia dos estúdios de dublagem Fono España e a ela se devia creditar a organização desse almoço. Sempre tinha sido o “homem da família”. Foi ela quem acompanhou Conchita a Hollywood em 1930, foi ela quem ajudou Juana, a mais nova, a do palito na testa, a sair da Espanha em 1937 e fugir para o Brasil. E também foi ela quem moveu céus e terras para salvar Hugo Donarelli do paredão nos primeiros dias da guerra. Fez isso por amor, porque Hugo e ela eram amantes havia muitos anos. Não viviam juntos, viam-se no trabalho e saíam nos fins de semana. Era uma relação discreta porque ele era casado e tinha família em Roma. Justa vivia com a mãe, a doce Anunciación, na rua Espartinas, no bairro de Salamanca, não muito longe da irmã.

— Você não sabe que em Madrid já não se almoça mais antes das duas e meia? — respondeu Conchita para justificar o atraso.

Justa deu de ombros. Sua irmã tinha razão: sem que ninguém se desse conta, os horários do almoço e do jantar passaram a ser uma hora e meia mais tarde do que era hábito nos anos 1920. Segundo o governo, isso se devia a novos costumes impostos “por uma minoria ociosa”, aquela que se pavoneava na rua Serrano.

Justa ia contestá-la, mas nesse momento apareceu Hugo Donarelli, seguido por dois fotógrafos paparazzi, que dispararam seus *flashes*.

— Conchiiiiitaaaa! Belíssimaaaa... como sempre! — disse com sua voz de barítono e seu forte sotaque. — Venha, tenho uma surpresa para você.

Com seu queixo saliente, os olhos negros um pouco saltados e a barriga proeminente, Hugo lhe plantou dois beijos e exigiu que o seguisse até a área reservada onde umas trinta pessoas conversavam de pé. Quando Conchita entrou, houve silêncio total. Não era um silêncio reverencial, era uma mescla de surpresa e deslumbramento, como a que produz as estrelas na noite, como se não acreditassem que ali estivesse presente, em carne e osso, uma deusa do celuloide.

— Minha rainha, quanto tempo!

Ela teria reconhecido essa voz entre milhares. Sempre que se encontrava com Edgar Neville sentia borboletas no estômago, como na primeira vez, em Nova York, quando ele fora ao porto recebê-las, ela e a irmã, em sua primeira viagem à América do Norte. Conchita, que sentia predileção por homens maduros, deixou-se seduzir por esse diplomata, escritor de teatro e de cinema que tinha o dobro da sua idade. Bonito e criativo, cosmopolita, grande conversador, era um *bon-vivant*. De tanto fazer rir o homem que fazia o mundo inteiro rir, Charles Chaplin, tornou-se seu amigo íntimo.

O *affaire* que mantiveram, tão intenso como fugaz, com os anos acabou transformando-se em uma sólida amizade.

— Guardei um lugar para você ao nosso lado, venha... — chamou levando-a pela cintura como se fosse tirá-la para dançar.

Conchita cumprimentava afetuosamente, mas não a todos. Foi fria e distante com Imperio Argentina, a atriz de quem os próprios generais Franco e Primo de Rivera se declaravam admiradores fervorosos. Não a suportava. Uns diziam que era inveja porque Imperio cantava como os anjos e sua carreira estava em ascensão, mas Conchita não gostava do seu sotaque, o jeito meloso, tampouco que quisesse fazer um projeto que estava fazendo tempos namorando e considerava seu: um grande filme sobre a vida de Lola Montes, a aventureira e bailarina irlandesa. Parecia-lhe que Imperio era uma novata que não jogava limpo, uma rival que lhe roubava o protagonismo e se aproveitava das circunstâncias para o próprio engrandecimento.

Também se negou com firmeza a cumprimentar Fernando Fernández de Córdoba, o locutor-soldado famoso por seu bigodinho e por ter lido o último comunicado de Franco sobre a guerra: “No dia de hoje, o exército vermelho preso e desarmado...”. Quando abriu os braços para abraçá-la, ela deu a volta e o deixou plantado. Sentia repugnância por aquele indivíduo. E menosprezá-lo diante de todos lhe deu um raro prazer, o prazer que nasce da vingança. Não era algo ligado diretamente a ela, mas a sua amiga Rosita Díaz Gimeno e a nove membros da equipe do filme *El genio alegre* que, em julho de 1936, foram denunciados por aquele sujeito, por “afinidades com as forças republicanas”. Que Rosita era amante de uma personalidade de esquerda, que era espia e avisava os aviões do governo... Eram calúnias sem fundamento que levaram essa atriz consagrada a ser detida, colocada em isolamento, a sofrer tortura e a quase ser fuzilada. Tinham ficado muito amigas em Hollywood e se tornaram o alvo favorito da imprensa marrom, que acompanhava pontualmente as andanças internacionais das duas atrizes espanholas mais cosmopolitas.

Conchita chegou, enfim, ao fundo da área reservada, onde estava seu grupo de Hollywood: os atores Pepe Crespo, Pepe Nieto e Julito Peña, o escritor Jardiel Poncela e a última amante de Neville, a atriz Conchita Montes. As rígidas leis de moralidade do regime não pareciam afetar o meio artístico. Como Neville, muitos dos que viviam com as amantes continuavam casados com as esposas de sempre.

— Aqui estamos, como no Henry’s! — anunciou Pepe Crespo, ao afastar a cadeira para que Conchita se sentasse.

Ele se referia ao restaurante do Hollywood Boulevard onde os espanhóis tinham sempre uma mesa reservada. Jardiel o fitou com os olhos arregalados.

— *Ham and eggs?*

Era a única coisa que Jardiel havia aprendido a falar em inglês, ovos com presunto, para não morrer de fome. Como dizia que era feio, Pepe Crespo e Julito Peña lembraram que o ajudavam em suas conquistas. Eles o apresentavam às garotas, mas Jardiel, com seu inglês macarrônico, não conseguia que lhe dessem atenção por mais de três minutos. Vingava-se:

— É que todas as mulheres de Hollywood parecem ser a mesma. Quando as vemos passar, não sabemos se passaram vinte mulheres ou a mesma mulher vinte vezes.

Jardiel Poncela, que era muito observador, tinha visto Conchita esnoabar o locutor Fernández de Córdoba.

— Alguma notícia da Peque?

Era assim que os amigos chamavam Rosita.

— Perdi o rastro dela.

Ele também sentia uma mistura de pesar e constrangimento pelo que havia acontecido com Rosita. Afinal de contas, devia a ela seu momento de glória em Hollywood, porque Peque tinha sido protagonista do filme *Angelina o el honor de un brigadier*, baseado em uma obra sua. Os críticos, e até o próprio Charles Chaplin, elogiaram a brilhante interpretação da atriz.

— Mal podíamos ler as falas porque caíamos na risada... — recordava Pepe Crespo sobre aquela filmagem. — Era a primeira vez que se fazia um filme em versos, nunca entendi por que a Fox o financiou.

— Ora, justamente por isso, porque os americanos não entendiam nada — sentenciou Jardiel. — Que outro motivo haveria?

Todos os que estavam naquele almoço compartilhavam do entusiasmo de ter vivido a experiência única de Hollywood, menos Jardiel, que dizia que “as únicas pessoas adultas que se encontra lá são as crianças”. Vieram à tona lembranças como o fim de semana em que foram a Reno assistir a uma luta de boxe entre o espanhol Paulino Uzcudun e o norte-americano Max Baer.

Ou quando desciam até Tijuana para beber uísque *sour* porque lá não existia a lei seca. Que alegres eram as festas de Antonio Moreno, o galã espanhol casado com uma milionária, o único que estava mesmo solidamente estabelecido em Hollywood. Levava os espanhóis recém-chegados a sua biblioteca giratória que, quando acionada, dava uma volta e deixava à vista uma magnífica adega dotada dos melhores vinhos. Como era saborosa a tortilha de batatas preparada por Pepe Crespo ou Julito Peña e como eram ruins as almôndegas de Jardiel Poncela, que não tinha nem ideia do que era cozinhar. Com quanta nostalgia Peña recordava o conforto do “seu hotel, do seu criado japonês e do seu carro”, o mesmo em que passeava com seu amigo Luis. Evitou pronunciar o sobrenome – Buñuel – para não levantar suspeitas.

Falavam de uma vida luxuosa difícil de se conceber na Espanha da pobreza e do mercado negro.

Para essas pessoas, que depois de Hollywood tinham sobrevivido a uma guerra atroz e agora a um pós-guerra em que todo cuidado é pouco, era inevitável que aflorasse a lembrança dos ausentes, dos que não haviam tido a mesma sorte, como o autor e poeta Federico, que havia passado por Nova York e cujo sobrenome Conchita também evitou pronunciar no ambiente contaminado do Edelweiss.

Também se lembraram dos exilados, de Luis Buñuel e suas excentricidades e, sobretudo, de Gregorio Martínez Sierra, grande amigo e produtor teatral, e de sua companheira, a atriz Catalina Bárcena, também conhecidos por levar uma vida original e excêntrica, que acabaram se exilando em Paris e depois em Buenos Aires.

Assim, entre recordações, piadas, lamentos e risos, entre saladas de arenque e pernil ao forno, entre brancos do Reno e tintos de Rioja, chegaram à sobremesa: um bolo de maçã com velas que Hugo Donarelli soprou entre aplausos e vivas. Em seu pequeno discurso deu uma notícia em primeira mão: o governo havia aprovado uma lei que obrigava os exibidores de cinema a lançar somente filmes dublados. Era o início de um futuro radiante para a Fono España. Encerrou com uma saudação obrigatória, o braço empunhado para o alto:

— *Arriba España! Viva Franco!*

4

— Vicenta, alguém telefonou? — perguntou Conchita assim que entrou em casa.

— Sim, uma mulher de fora, falava com sotaque.

— Quem era?

— Disse que voltaria a ligar.

— Falou por que estava telefonando?

— Não, só queria falar com a senhora.

Deve ser uma jornalista estrangeira, pensou, sem suspeitar que o telefonema daquela mulher que a procurava naquela tarde de março iria abalar sua vida.

— Vicenta, estou precisando de uma aspirina com água, por favor.

Sentia dor de cabeça, como sempre depois de beber vinho branco. Conchita tirou os sapatos, estirou-se no sofá, colocou um cigarro na piteira e acendeu. Era tarde para a sesta. Regressava com a sensação agridoce das conversas no Edelweiss. Tantas emoções conflitantes deixavam-na inquieta, e a distância entre Hollywood e Madrid não podia ser digerida com facilidade. Seu coração agradecia as horas agradáveis que havia passado no restaurante, o carinho da amizade cimentada em um ambiente longínquo e distinto. Era bom fazer parte de um grupo, embora o grupo fosse de “atores”. Faz a pessoa se sentir menos sozinha.

Abriu o caderno em que escrevia poesias – sempre em francês, brotava mais naturalmente –, mas estava demasiado alterada para se concentrar. Decidiu costurar uma roupinha para uma de suas bonecas, com muito esmero; fazia isso sempre que precisava relaxar. Teria ido à cozinha bater papo com Vicenta, mas um pouco de pudor a conteve. Costurar obrigava-a a se concentrar e a afugentar os pensamentos que a rodeavam... *O que a havia irritado tanto em Imperio Argentina?*, perguntou a si mesma. Não conseguia definir... Talvez a arrogância, que achava desproporcional a sua fama, porque Imperio nunca seria uma atriz tão internacional como ela. Ou seria porque lhe transmitia a sombria sensação de que sua estrela diminuía?

— Ai!

Deu uma pequena agulhada no dedo e levou-o à boca. O ardor passou tão depressa como aquele pensamento absurdo. Ficava nervosa com a maledicência das pessoas, a dos próprios colegas de profissão que fofocavam às suas costas sobre os “altos e baixos” que sua carreira atravessava. Telefonou para Julio Laffitte, o estilista que seria figurinista de seu próximo filme. Queria vê-lo antes que o diretor, Florián Rey, impusesse seu critério na escolha das roupas. Ninguém impunha o figurino a Conchita Montenegro. Além de atriz, participava como produtora e às vezes até acreditava que era ela quem dirigia o filme.

Voltou para o sofá. Optou por se refugiar na ideia prazerosa e emocionante do próximo encontro com Ricardo. Precisava estar em seus braços para esquecer, embora só por alguns instantes, essa profunda sensação de solidão. Havia chegado uma carta dele pela mala diplomática; avisava que precisava vê-la assim que voltasse de Bucareste, onde tinha ido visitar o irmão. “Tenho algo importante para te falar”, dizia a carta. Conchita intuía do que se tratava. Ricardo Giménez-Arnau esperava a indicação ao seu primeiro destino depois de ter sido aprovado no concurso para a carreira diplomática. Era isso que queria falar com ela, do lugar que lhe fora designado? Porque no fundo da alma, ela também esperava um destino.

Desde que se conheceram, lá em Nova York, em uma recepção no navio-escola *Juan Sebastián Elcano*, no qual havia dado sua segunda volta ao mundo, Ricardo Giménez-Arnau havia manifestado por ela uma paixão quase

obsessiva. Com receio dos impulsos amorosos que logo acabam murchando como um suflê, ela o abrandou. Era também uma maneira de colocá-lo à prova. Porque a primeira impressão tinha sido deslumbrante. Tinha perdido o fôlego quando lhe apresentaram a esse oficial da Marinha, de olhos claros, alto e corpulento, trajando um uniforme branco imaculado, com um sabre na cintura e condecorações que reluziam no peitilho. Sim, Conchita sempre fora muito sensível à beleza masculina e admitia isso sem rodeios, correndo o risco de que a tachassem de frívola. “Você encontrou o homem mais bonito da Espanha”, diziam-lhe as irmãs, porque Ricardo não deixava nenhuma mulher indiferente. A auréola do prestígio de sua família, uma das mais influentes da Espanha naquele momento, intensificava seu atrativo.

— Pessoas maravilhosas, da máxima confiança do Caudilho — repetia sua mãe. — Você encontrou uma raridade, um homem sério, não como os do meio artístico. — Conchita olhou-a de soslaio. A mãe prosseguiu: — E também é do tipo que você gosta, um rapaz viajado que fala não sei quantos idiomas.

— São onze, mamãe. Além de falar, ele também escreve. Diz que aprendeu nas travessias, de tanto que se entediava.

— Acha pouco? Que grande sorte ter dado com um homem assim...

— Não gosto do jeito como ele fala.

Ela se referia a um defeito de dicção de Ricardo, que não conseguia pronunciar o erre. A princípio achou graça, depois isso a enervava, mas no final aceitou, embora não quisesse admitir.

— Fala como um francês. Além do mais, é muito jovem para mim.

— Dois anos de diferença, está muito bom. Isso não é nada — disse a mãe.

— Você sempre gostou de velhos — interveio Justa.

— Velhos não, maduros — observou Conchita.

— É porque quando vocês eram meninas sentiram a falta do pai — replicou Anunciación, como se estivesse se desculpando. Depois suspirou e baixou a cabeça. — Estava sempre viajando.

— Os da minha idade me dão medo — disse Conchita. — Veja como foi com meu marido brasileiro.

O fracasso de seu casamento com o ator e produtor brasileiro Raoul Roulien, que era da sua idade, deixou-a escaldada. Aquela história de amor tinha se transformado rapidamente em uma amizade amorosa e depois em uma relação mais típica de irmãos ou de sócios do que de casal. Ela sempre havia encontrado as grandes emoções de sua vida em homens mais velhos. “Eles te desejam mais, te desejam muito”, dizia às irmãs, que há muito tempo tinham parado de se escandalizar com sua falta de pudor. Além disso, um homem não deveria ter experiência suficiente para iniciar uma mulher nos mistérios da

vida, transmitir-lhe sensações, ensinar-lhe os refinamentos da existência? Com os homens da sua idade nunca havia aprendido nada, costumava dizer, porque em geral ou sabiam pouco ou não o suficiente para saciar sua curiosidade.

Com Ricardo era diferente, era como andar às cegas em um território inexplorado. Agora tinha de lidar com um homem que vivia no mundo real, não no de celuloide, algo novo para ela. Um homem acostumado a tomar a iniciativa, um marinheiro cansado do mar, um defensor do regime pelo qual havia entrado na guerra; um homem que tinha diante de si uma promissora carreira diplomática. Não era essa sensação de segurança de que necessitava, a essa altura do filme de sua vida?

5

Eram quase da mesma idade, mas muito diferentes no modo de ver a vida, no jeito de pensar, na mentalidade. Procediam de mundos distintos. Ele era filho e neto de tabeliães; ela, de um caixeiro-viajante e, em algumas ocasiões, empresário teatral. Ele havia estudado no colégio dos maristas; ela, na escola de teatro da Ópera de Paris. Ela era uma mulher independente e acostumada à sua liberdade; ele, um homem habituado a agir dentro de uma organização hierarquizada e autoritária. Ele era católico praticante; ela ia à missa por conveniência. Ele era intenso; ela, frívola. Ele gostava de barcos; ela, de carros e aviões. O amor à ordem os unia, a ele por tradição e vocação, a ela como reação à volatilidade do mundo do espetáculo. Ordem significava estabilidade, um bem escasso e apreciado entre os artistas. Mas os atritos eram inevitáveis, como quando ela quis fazer um rali de carros Fiat Topolino com seu amigo Laffitte.

— Os ralis são perigosos — começou dizendo Ricardo.

Conchita deu de ombros.

— São tão divertidos! Será só um passeio pela serra.

— Você será a única mulher?

— Não sei, espero que não...

Pairou um silêncio incômodo, até que Ricardo disse:

— A verdade... é que não acho apropriado.

— Você não acha apropriado que eu participe do rali ou se incomoda que eu vá com um homem?

— As duas coisas, para ser franco.

— Está com ciúme! Ora, todo mundo sabe que Laffitte é da outra ala...

O importante é que é um bom piloto.

— Certo, Conchita, mas aqui é a Espanha, não estamos nos Estados Unidos.

Alguns anos antes Conchita não lhe teria dado ouvidos. Desta vez acabou cancelando sua participação. Por fim, pensou que Ricardo tinha razão, que estavam na Espanha, onde as excentricidades – sobretudo das mulheres – eram malvistas. Se fumar com piteira era considerado provocativo, e em alguns ambientes até escandaloso, se dirigir sozinha em Madrid causava olhares de reprovação... o que diria participar de um rali com “um amigo”? Não havia remédio a não ser aceitar a realidade: tudo o que não fosse casar e ter filhos era suspeito. Mais valia se adaptar para não ficar mal. E também lhe convinha preservar seu bom nome. Nunca se esquecia de que era uma estrela.

Por isso cedia. E porque no fundo pensava que seu relacionamento com Ricardo era a melhor garantia de proteção nesta Espanha nova que ela realmente não conhecia e na qual haveria de permanecer talvez por muitos anos, visto que Hollywood não a chamava e a guerra na Europa dava sinais de prolongar-se por tempo indefinido. Talvez, algum dia, recuperaria muito do que se via obrigada a ceder. Por enquanto, ao lado dele se sentia aconchegada e protegida. Experimentava um bem-estar como nunca antes havia sentido com outro homem, talvez pelas circunstâncias, ou pela idade. Já tinha aprendido que não se ama da mesma forma aos quinze como aos vinte, nem aos vinte como aos trinta.

Descobria Ricardo pouco a pouco, pelas histórias que ele contava de sua infância em Zaragoza e da juventude. Eram histórias de um mundo que parecia muito remoto, ela que tinha saído tão jovem da Espanha. Enquanto Conchita desfrutava livremente de seus primeiros namoricos em Paris, ele enfrentava desafios de brigas, e lhe contou como uma vez voltou para casa com o cabelo raspado a zero, resultado de uma disputa por uma garota. Costumava dar de presente para as namoradas um exemplar de *Primeiro amor*, de Ivan Turguêniev, e em dias sombrios de rompimento voltava com o livro debaixo do braço, lamentando-se de que nem sequer tivesse sido aberto.

— Mas que ingênuo, meu rei! Esperava realmente que suas namoradas o lessem?

— Tinha muita admiração por elas. Gostava muito delas.

— Por isso, por gostar demais, não ficou com elas.

— Não sei gostar de outro jeito.

Era intenso, correto, formal e sério. Talvez não fosse a paixão de sua vida, mas o que Ricardo lhe oferecia era, naquele momento, muito tentador.